

DEPRESSÃO MELANCÓLICA: UM SUBTIPO DE TRANSTORNO DEPRESSIVO

MARIANA RANGEL RIBEIRO; MANUELA MARTINS COSTA; LUCAS SPANENBERG; MARCO ANTÔNIO KNOB CALDIERARO; EDGAR ARRUA VARES; MARCELO FLECK

Introdução: O modelo atual de Depressão é questionado por incluir, sob um mesmo diagnóstico, quadros clínicos diferentes. O DSM-IV sugere um subtipo melancólico de Depressão, usando critérios pouco específicos. Um modelo alternativo, proposto por pesquisadores australianos, sugere a avaliação específica da psicomotricidade para quadros melancólicos. Objetivo: Avaliar pacientes com Depressão em relação à proposta categórica de classificação, comparando a prevalência do subtipo melancólico e os grupos melancólicos de cada teoria em relação à intensidade dos sintomas e funcionamento global. Métodos: Participaram pacientes com diagnóstico de Depressão Maior no ambulatório do PROTHUM no HCPA. O M.I.N.I. foi utilizado para o diagnóstico de Depressão e características melancólicas pelo modelo do DSM-IV. O CORE foi utilizado para definir melancolia pelo novo modelo proposto. A gravidade do episódio depressivo foi avaliada pelas escalas HAM-D, BDI e CGI. O AGF foi usado para avaliação do funcionamento global. Resultados: A amostra analisada foi 67 pacientes, 9 (13,4%) foram classificados como melancólicos pelo CORE e 50 (74,6%) pelo DSM. Pacientes com melancolia pelo CORE tiveram Depressão mais grave (HAM-D média 26,78 vs. 20,26 e $p < 0,002$; CGI média 5,78 vs. 4,92 e $p = 0,003$ e BDI média 44,44 vs. 35,74 $p = 0,034$) e pior funcionamento (AGF média 40,78 vs. 48,39 e $p = 0,019$) do que melancólicos pelo modelo DSM. Conclusões: As variáveis apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. O CORE classificou menos pacientes como melancólicos e estes apresentaram maior gravidade de sintomas e pior funcionamento. A caracterização de subgrupos específicos de depressão pode aprimorar a abordagem categórica e refletir em abordagens terapêuticas mais efetivas.